26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

XXVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXVI ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

PRÁTICAS INFORMACIONAIS E PRÁXIS ANTIRRACISTA: CONTRIBUIÇÕES DA QUILOMBAGEM PARA A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

INFORMATIONAL PRACTICES AND ANTI-RACIST PRAXIS: *CONTRIBUTIONS OF QUILOMBAGEM TO INFORMATION SCIENCE*

Karla Juliana Moreira de Oliveira – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Edvaldo Carvalho Alves – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: O presente estudo analisa a articulação entre as práticas informacionais na Ciência da Informação (CI) e a categoria de práxis, a partir das contribuições da quilombagem e do pensamento social negro brasileiro. O objetivo é investigar como a práxis antirracista pode expandir o entendimento das ações informacionais no interior do paradigma social da área. Metodologicamente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica de natureza exploratória com levantamento na BRAPCI, ENANCIB e SciELO, analisando dialogicamente o referencial da CI com as formulações de Clóvis Moura, Sueli Carneiro e Paulo Freire. O trabalho demonstra que, embora as práticas informacionais superem visões comportamentais mecânicas, faz-se necessário incorporar a intencionalidade política ante as assimetrias provocadas pelo racismo. A partir da quilombagem, delineiam-se dimensões como desalienação crítica, contra-regimes informacionais, gestão comunitária de saberes e resistência epistêmica pela tradição oral. Conclui-se que a práxis quilombola redefine as práticas informacionais como ações políticas situadas de disputa de narrativas, enfrentamento ao epistemicídio e transformação social.
Palavras-chave: Ciência da informação; práticas de informação; aspectos sociais da informação.

Abstract: This study analyzes the articulation between information practices in Information Science (IS) and the category of praxis, based on contributions from quilombagem and Brazilian Black social thought. The objective is to investigate how anti-racist praxis can expand the understanding of informational actions within the social paradigm of the field. Methodologically, an exploratory bibliographical research was conducted through searches in BRAPCI, ENANCIB, and SciELO, dialogically analyzing the theoretical framework of IS alongside formulations by Clóvis Moura, Sueli Carneiro, and Paulo Freire. The study demonstrates that, while information practices overcome mechanical behavioral views, it is necessary to incorporate political intentionality against asymmetries caused by racism. Based on

quilombagem, dimensions such as critical disalienation, informational counter-regimes, community knowledge management, and epistemic resistance through oral tradition are outlined. It concludes that quilombola praxis redefines information practices as situated political actions of narrative dispute, confrontation of epistemicide, and social transformation.
Keywords: Information Science; information practices; social aspects of information.

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação (CI), ao longo de seu desenvolvimento epistemológico, transitou por diferentes lentes conceituais para compreender a relação entre os sujeitos e a informação. O deslocamento do paradigma físico-tecnicista em direção ao paradigma social (Capurro, 2003) permitiu ao campo reconhecer que a informação não é um insumo neutro, tampouco um objeto isolado, mas um fenômeno historicamente situado, que emerge e ganha sentido nas interações humanas. Nesse horizonte, consolidou-se a abordagem das práticas informacionais, que investiga como os sujeitos, compreendidos como agentes socioculturais ativos e dotados de agência, buscam, compartilham e apropriam-se da informação em seus contextos cotidianos (Araújo, 2017).

Contudo, embora a perspectiva das práticas informacionais avance ao superar visões puramente cognitivas ou individualistas, faz-se necessário aprofundar o entendimento sobre as intencionalidades políticas e as relações de poder que atravessam as ações informacionais. Em sociedades estruturadas pela colonialidade, os fluxos de informação são marcados por assimetrias raciais e bloqueios estruturais. Como apontam Vaz *et al.* (2023), o racismo no Brasil relaciona-se diretamente a uma circulação desigual de informações, cujos silenciamentos e distorções operam para naturalizar desigualdades. Esse cenário de apagamento sistemático de saberes subalternizados, caracterizado como epistemicídio (Carneiro, 2023), exige que a análise das práticas informacionais não se limite à descrição de rotinas, mas se comprometa com uma postura abertamente crítica.

É nesse ponto de inflexão que este trabalho propõe articular o conceito de práticas informacionais à categoria filosófica de práxis, especificamente em sua vertente antirracista e quilombola. A práxis, como unidade indissociável entre reflexão e ação voltada à superação das opressões (Freire, 2025), oferece o suporte teórico necessário para reumanizar a informação e compreendê-la como dispositivo de disputa narrativa e emancipação contra as lógicas excludentes do capitalismo contemporâneo (Silva; Cavalcante, 2023). Diante disso, delineia-se a seguinte questão: Como o conceito de práxis, com ênfase na resistência antirracista e na

quilombagem, pode expandir e adensar o entendimento de práticas informacionais no âmbito da Ciência da Informação?

Do ponto de vista metodológico, este estudo — que constitui parte de um recorte teórico de uma pesquisa de mestrado em andamento no PPGCI/UFPB — caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de natureza exploratória (Gil, 2019). O caráter exploratório justifica-se pela necessidade de construir maior intimidade teórica com uma fronteira temática ainda incipiente na Ciência da Informação: a intersecção entre as práticas informacionais e as matrizes conceituais do pensamento social negro e quilombola. Para o levantamento bibliográfico, foram consultadas a Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), os anais do ENANCIB e o SciELO, além do recurso a obras teóricas seminais dos campos em diálogo. A busca estruturou-se em torno de três núcleos temáticos: (a) evolução paradigmática e práticas informacionais na CI (notadamente Carlos Alberto Ávila Araújo e Rafael Capurro); (b) práxis e enfrentamento às opressões (Paulo Freire); e (c) quilombagem e resistência epistêmica (Clóvis Moura e Sueli Carneiro). O tratamento das fontes deu-se por meio de uma abordagem dialógica e analítico-crítica, na qual as categorias de reprodução e rotina dos estudos informacionais foram tensionadas pelas categorias histórico-estruturais de conflito, autonomia e preservação da memória legadas pela tradição quilombola. O percurso argumentativo deste ensaio estrutura-se em duas seções analíticas — a transição paradigmática para as práticas informacionais na CI e a práxis informacional antirracista a partir da quilombagem —, seguidas das considerações finais.

2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E PRÁTICAS INFORMACIONAIS: EVOLUÇÃO PARADIGMÁTICA

A trajetória teórica da Ciência da Informação (CI) evidencia uma transição complexa entre diferentes matrizes conceituais, moldando as formas de conceber, investigar e delimitar o fenômeno informacional. De acordo com a clássica categorização de Capurro (2003), o campo desenvolveu-se a partir de três paradigmas principais: o físico, o cognitivo e o social. No paradigma físico, a informação é tratada como um objeto concreto e físico, que pode ser transmitido linearmente de um emissor a um receptor, cenário no qual o usuário não desempenha um papel ativo no processo de recuperação da informação. O paradigma cognitivo altera essa dinâmica ao deslocar o foco para a mente, compreendendo a informação como algo que o usuário constrói e interpreta, alterando suas próprias estruturas cognitivas. Por fim, o paradigma social estabelece que a informação não existe isoladamente, mas sim dentro de um

contexto social, cultural e histórico, sendo nele fundamental a interação entre os indivíduos e a influência das redes sociais.

Ao analisar esse percurso, Araújo (2014a) observa que as perspectivas contemporâneas na Ciência da Informação têm buscado consolidar o avanço conceitual operado nas décadas anteriores, sem que as contribuições do modelo físico sejam abandonadas pela vigência do modelo cognitivo, nem ignorar as contribuições deste em prol do entendimento pragmático recente. Os três modelos são complementares, mais do que excludentes, afinal, os problemas informacionais continuam tendo uma dimensão física, tendo também aspectos cognitivos e se inserindo em dimensões contextuais e pragmáticas. A partir dessa evolução conceitual, a Ciência da Informação consolidou diferentes subáreas, nas quais novas perspectivas passaram a compreender a informação como um fenômeno multifacetado.

Nesse movimento, o campo relativo ao estudo dos usuários da informação desenvolveu-se com diferentes configurações. Nas décadas de 1940 e 1950, os estudos de usuários foram realizados no escopo das pesquisas em comunicação científica sobre os fluxos de informação e hábitos informacionais dos cientistas (Araújo, 2014b). Esse início voltou-se fortemente ao acesso físico a documentos e sistemas de informação, correlacionando-os a fatores sociodemográficos. Originários dos estudos de usuários de bibliotecas, tal perspectiva desenvolveu-se, inicialmente, como estudos de uso da informação (estabelecimento de perfis de públicos, levantamento de padrões de busca e uso para diagnóstico e avaliação de sistemas de informação), passando, a partir dos anos 1980, a ter como central a perspectiva do comportamento informacional (Araújo, 2017).

Os estudos sobre o comportamento informacional abrangiam desde a percepção da necessidade até o uso e apropriação da informação. Contudo, embora tenha incorporado dimensões cognitivas e afetivas, a perspectiva do comportamento informacional, de inspiração positivista, reduziu os sujeitos a dados sociodemográficos e suas interações a frequências mensuráveis de acesso, mantendo uma lógica na qual o usuário figura como um ser que reage a lacunas de informação a serem preenchidas (Araújo, 2017b). Como alternativa crítica e superação a esse modelo, emergem os estudos direcionados às práticas informacionais, que exploram a relação entre aspectos socioculturais e comportamentos individuais, deslocando o foco do indivíduo isolado para a trama de relações sociais, culturais e históricas nas quais os sujeitos se constituem e agem.

A adoção da terminologia "práticas informacionais" e da postura sociocultural para empreender estudos fundamenta-se na transição do conceito de "usuário da informação" para o de "sujeito informacional", ressaltando seu caráter de ator. Essa escolha é consistente com o momento histórico de valorização do contexto nas investigações, considerando as relações dialógicas entre sujeito e contexto, os quais são interdependentes. O contexto é considerado como um elemento constitutivo das ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, por elas constituído a partir de uma relação dialógica (Duarte; Araújo; Paula, 2017).

A consolidação da abordagem das práticas informacionais exerce um deslocamento epistemológico decisivo ao superar os modelos cognitivistas e positivistas do comportamento informacional. Como sistematiza Araújo (2017b), enquanto os estudos comportamentais reduziam o indivíduo a um processador passivo que reage mecanicamente a lacunas informacionais, as práticas informacionais compreendem o agir humano a partir de matrizes socioculturais e praxiológicas. Nessa perspectiva, o sujeito informacional constrói sentidos, negocia a legitimidade das fontes e intervém ativamente em sua realidade cotidiana a partir de disposições compartilhadas coletivamente (Araújo, 2017b).

Contudo, a literatura predominante em práticas informacionais concentrou-se historicamente na análise de rotinas ordinárias e tarefas funcionais, deixando em aberto a problematização dos conflitos estruturais de poder e dominação. Em formações sociais atravessadas pela colonialidade do poder (Quijano, 2005) e pelo racismo, os fluxos de informação não são neutros, são perpassados por bloqueios, distorções e silenciamentos sistemáticos (Vaz *et al.*, 2023). O enfrentamento a essa circulação desigual exige, portanto, adensar as práticas informacionais para além da adaptação cotidiana, vinculando-as a uma perspectiva crítica de emancipação social.

3 PRÁXIS, PRÁXIS INFORMACIONAL E PRÁXIS ANTIRRACISTA: ARTICULAÇÕES COM A QUILOMBAGEM

O conceito de práxis possui raízes profundas na tradição filosófica, particularmente no pensamento marxista, e designa uma atividade humana fundamental que integra indissociavelmente ação e reflexão. Diferentemente da atividade meramente instintiva ou do fazer puramente mecânico, a práxis constitui-se como uma atividade orientada pela compreensão crítica da realidade e pela intencionalidade transformadora. Na formulação clássica de Karl Marx, a práxis representa a atividade humana consciente que visa a

transformação do mundo e de si mesmo. Não se trata de ação cega ou de reflexão estéril, mas da unidade dialética entre teoria e prática. Como enfatiza Paulo Freire (2025) em Pedagogia do Oprimido, a práxis é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo; sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos. Esta compreensão implica que a ação humana autêntica não pode prescindir da reflexão crítica que a ilumina, assim como a reflexão não pode furtar-se ao compromisso com a ação transformadora.

A práxis distingue-se, portanto, tanto do ativismo (ação pela ação, desprovida de reflexão) quanto do verbalismo (reflexão estéril que não se traduz em ação concreta). Moacir Gadotti (2016), esclarece que práxis significa ação transformadora, uma ação que não se contenta com a adaptação à realidade dada, mas que busca sua superação em direção a formas mais humanizadas de existência social. No campo da Ciência da Informação, a noção de práxis tem sido mobilizada justamente para superar visões meramente instrumentais ou tecnicistas da informação. A práxis informacional refere-se à compreensão da informação como fenômeno inseparável das práticas sociais, históricas e políticas que a constituem e que por ela são constituídas.

Silva e Cavalcante (2023, 2024), em seus estudos sobre as relações entre a história epistemológica da Ciência da Informação e o capitalismo contemporâneo, defendem uma "práxis transformadora de base informacional". Esta perspectiva propõe que a informação não seja tratada como mero recurso técnico ou mercadoria, mas como elemento central de processos de conscientização, organização coletiva e transformação social. Os autores argumentam que, no pensamento marxista, a Ciência da Informação pode encontrar uma referência teórica, epistemológica e metodológica capaz de reumanizar a informação, pôr em xeque projetos de sociedade excludentes e desenvolver essa práxis transformadora. Isto significa que os profissionais da informação, reconhecendo-se como "trabalhadores científicos informativos", podem associar-se à classe trabalhadora em geral na luta por uma nova ordem informativa mais justa e equilibrada.

Esta compreensão dialoga diretamente com a perspectiva das práticas informacionais. Conforme discutido, se o sujeito informacional não é passivo, mas atua sobre o social politicamente, reflete e elabora sentidos a partir de seu contexto (Araújo, 2017), as ações voltadas ao combate às opressões pode se configurar como uma práxis informacional antirracista. Esta constitui um desdobramento específico e fundamental da práxis transformadora, particularmente no contexto de sociedades estruturadas pela colonialidade do

poder (Quijano, 2005), do saber e do ser, onde o racismo opera como o dispositivo estruturante que autoriza a distribuição desigual da vulnerabilidade e da morte (Mbembe, 2018). Logo, a práxis antirracista envolve, conforme sistematizado por Michele Guerreiro Ferreira (2022) a partir das contribuições de Paulo Freire: a ressignificação da identidade racial (o processo de assunção da identidade cultural negra como elemento central da desalienação); a descolonização dos saberes (o enfrentamento à violência epistêmica ocidental que subalternizou modos de conhecer indígenas e africanos); e a transformação das práticas institucionais (a implementação de políticas informacionais e educacionais que enfrentem o racismo).

A categoria de práxis oferece o suporte ontológico para fundamentar esse adensamento crítico. Na Ciência da Informação, Araújo (2017b) resgata a formulação praxiológica para evidenciar que o sujeito, sua ação e os produtos materiais e simbólicos dessa ação são indissociáveis. Essa perspectiva ganha contornos revolucionários em Paulo Freire (2025), para quem a práxis constitui-se na dialética permanente entre reflexão crítica e ação sobre o mundo com vistas à sua transformação e à superação da contradição opressor-oprimido. Conforme defendem Silva e Cavalcante (2023, 2024), a consolidação de uma 'práxis transformadora de base informacional' é indispensável para que a área rompa com lógicas tecnicistas e se comprometa com a superação de assimetrias sociais e raciais. É nessa encruzilhada epistemológica que a quilombagem, analisada por Clóvis Moura (2020), emerge não como mero antecedente histórico, mas como uma fecunda matriz analítica de práxis para a Ciência da Informação.

Ao articular a análise de Moura às dinâmicas informacionais, revelam-se dimensões fundamentais da resistência negra: Tomada de Consciência Crítica como Desalienação Informacional: Os quilombolas realizavam a decodificação crítica da ordem escravista, superando a alienação imposta pelo cativeiro e convertendo a leitura da realidade em consciência política organizada para a libertação coletiva (Freire, 2025; Moura, 2020). Autonomia Organizacional e Contra-regimes de Informação: A sobrevivência dos quilombos demandava circuitos próprios de inteligência, vigilância e comunicação comunitária que desestabilizavam as redes de controle do Estado colonial e operavam à margem dos registros documentais dominantes (Moura, 2020). Economia Alternativa e Gestão Comunitária de Saberes: A policultura comunitária descrita por Moura (2020) baseava-se no compartilhamento horizontal de saberes ancestrais — agrícolas, ecológicos e artesanais —, afirmando modos não

predatórios de circulação do conhecimento prático. Resistência Epistêmica e Tradição Oral: A transmissão oral funcionava como tecnologia informacional de preservação da memória e identidade coletiva contra a hegemonia da cultura letrada branca (Moura, 2020). Esse movimento pode ser compreendido como a antecipação do combate ao epistemicídio teorizado por Sueli Carneiro (2023), impedindo o apagamento da razão e dos saberes das populações negras. Ao articular a práxis e a quilombagem, a Ciência da Informação passa a conceber as práticas informacionais não como simples condutas rotineiras de busca, mas como estratégias políticas situadas de resistência, disputa de narrativas e descolonização do saber.

Moura (2020) documenta ainda a articulação internacional da quilombagem, evidenciando fluxos e conexões entre quilombolas brasileiros e os 'marrons' das Guianas, a circulação de informações sobre a Revolução Haitiana entre os escravizados no Brasil e os contatos estratégicos entre lideranças de diferentes regiões. Essa dimensão demonstra que as práticas informacionais de resistência não eram isoladas, antecipando o caráter transnacional e articulado em redes das lutas antirracistas contemporâneas.

É importante destacar, contudo, que a articulação entre práxis antirracista contemporânea e quilombagem histórica não implica uma transposição mecânica de formas organizativas do passado para o presente, visto que as condições históricas são radicalmente distintas. No entanto, a continuidade histórica do quilombo — sua capacidade de se reproduzir e se adaptar ao longo de quase quatro séculos — indica que esta forma de organização social carrega princípios que transcendem suas manifestações históricas específicas: a autogestão, a solidariedade, a recusa à hierarquização racial e a busca por formas de vida não mediadas pela exploração. Desta forma, a perspectiva das práticas informacionais, quando fecundada pela práxis antirracista e inspirada na tradição quilombola, atualiza seus princípios nas condições da moderna sociedade da informação, convertendo o fazer informacional em um território de disputa de narrativas, visibilização de saberes e transformação social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A articulação teórica proposta neste ensaio permitiu responder à questão central de pesquisa, demonstrando que o conceito de práxis — em especial a antirracista e quilombola — expande e adensa o entendimento das práticas informacionais ao conferir-lhes intencionalidade política, historicidade e compromisso emancipatório. Ao cruzar o paradigma social da Ciência da Informação com o pensamento social negro brasileiro, o trabalho supera visões meramente

descritivas ou funcionais dos fluxos de informação, posicionando-os como territórios de disputa de poder e de resistência ativa.

Conclui-se que as práticas informacionais, quando fecundadas pela lógica da práxis, tem o potencial de deixarem de ser vistas apenas como rotinas de busca e uso de informação e passarem a ser compreendidas como ações situadas de enfrentamento às distorções informacionais que naturalizam o racismo (Vaz *et al.*, 2023). A tecnologia histórica da quilombagem, resgatada a partir da obra de Clóvis Moura, revelou-se um modelo teórico potente para essa compreensão: ela nos ensina que a tomada de consciência crítica, a autonomia organizacional, a economia alternativa e a sociabilidade democrática eram elementos de uma práxis coletiva que utilizava a própria informação — ancorada na tradição oral e em articulações transnacionais — como instrumento de libertação e negação de um sistema opressor.

A principal contribuição deste estudo para a Ciência da Informação reside na urgência de romper com visões puramente instrumentais e tecnicistas, mostrando que as assimetrias informacionais contemporâneas não são falhas técnicas dos sistemas, mas reflexos da colonialidade do poder (Quijano, 2005) e do saber. Trazer a quilombagem como matriz de leitura para as práticas informacionais permite que a CI compreenda as ações de resistência contemporâneas não como fenômenos novos e desancorados, mas como a continuidade histórica de uma práxis secular.

Por fim, por se tratar de um ensaio de natureza estritamente bibliográfica, este trabalho não esgota a discussão, mas abre caminhos para investigações futuras. Sugere-se que as dimensões da práxis quilombola aqui mapeadas sejam utilizadas como categorias de análise em estudos posteriores que investiguem, empiricamente, as ações informacionais e os ecossistemas comunicativos de movimentos sociais, coletivos e instituições da sociedade civil inseridas na luta antirracista contemporânea.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que é Ciência da Informação?. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19 n. 1, p. 01–30, 2014.a Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/15958. Acesso em: 26 jul. 2024.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Fundamentos da ciência da informação: correntes teóricas e o conceito de informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 4, n. 1, 2014. b. Disponível em: https://cip.brapci.inf.br//download/51437. Acesso em: 10 set. 2025.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Teorias e tendências contemporâneas da Ciência da Informação. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 9–34, 2017.a Disponível em: https://periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20162. Acesso em: 10 set. 2025.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que são "práticas informacionais"?. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 2, n. especial, 2017b. Disponível em: http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20655. Acesso em: 26 jul. 2024.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: ANCIB, 2003. Disponível em: https://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 1 ago. 2024.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

FERREIRA, Michele Guerreiro. Saberes Indispensáveis a Práxis Educativas Antirracistas. **InSURgência:** revista de direitos e movimentos sociais, Brasília, v. 8, n. 1, p. 133–146, 2022. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/view/40910. Acesso em: 17 maio 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2025.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis.** 2016. Disponível em: https://gadotti.org.br/handle/123456789/426. Acesso em: 10 abr. 2026.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica:** biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOURA, Clóvis. **Quilombos**: resistência ao escravismo. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

SILVA, Carlos Robson Souza da; CAVALCANTE, Luciane de Fátima Beckman. Por uma práxis transformadora de base informacional: diálogos com o Marxismo a partir da história da Ciência da Informação. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 11, p. e17108, 2024. Disponível em: https://periodicos.ufal.br/cir/article/view/17108. Acesso em: 17 maio. 2026.

SILVA, C. R. S.; CAVALCANTE, L. F. B. Ciência da Informação, história epistemológica e a possibilidade de proposição de uma práxis transformadora de base informacional. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2023. **Anais** [...] Aracaju: ANCIB, 2023. Disponível em: https://enancib.ancib.org/enancib/pt_BR/article/view/618/631. Acesso em: 17 maio. 2026.

VAZ, Glaucia Aparecida; et al. Desinformação e práticas informacionais: uma análise do contexto étnico-racial no Brasil. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2023. **Anais** [...] Aracaju: ANCIB, 2023. Disponível em: https://cip.brapci.inf.br//download/258133. Acesso em: 10 set. 2025.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado como apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 001.